

humanitas



Vol. LXIII
2011

CASTILHO, TRADUTOR OU POETA ANACREÔNTICO?¹ (*A LYRICA DE ANACREONTE*, 1866)

CARLOS A. MARTINS DE JESUS
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
carlosamjesus@gmail.com

Resumo

Em 1866, o sempre polémico mas engenhoso poeta António Feliciano de Castilho publicou a sua versão poética do que considerava serem os poemas de Anacreonte, na realidade uma adaptação às formas da lírica nacional de 53 dos actualmente considerados 60 *Anacreontea*. O presente estudo debruça-se pois sobre essa edição, busca a detecção das edições e traduções de que se poderá ter servido e, partindo da análise de alguns exemplos, procura averiguar as ténues fronteiras entre tradução e recriação poética que resultam de uma leitura desse trabalho.

Palavras-chave: Castilho (António Feliciano de), Anacreonte, *Anacreontea*, tradução, recriação poética.

¹ A escolha do tema deste artigo, em número da *Humanitas* dedicado ao Professor Doutor José Ribeiro Ferreira, é propositada, porquanto nós próprios traduzimos, recentemente e na editora por si dirigida, os *Anacreontea* (Jesus 2009), obra que contou, desde sempre, com o seu apoio e supervisão. O presente artigo, do qual apresentámos uma versão oral, mais reduzida, no encontro “Poesia Grega, passado e presente” (Coimbra, 15 de Abril de 2011), surge ainda na continuidade do trabalho do Professor sobre as versões garrettianas de Anacreonte e dos *Anacreontea* (Ribeiro Ferreira 2003: 353-367), texto que trouxe ao nosso conhecimento *A Lyrica de Anacreonte* de Castilho.

Abstract

In 1866, Feliciano de Castilho, always such a controversial and ingenious poet, published his poetic version of what he considered to be the poems of Anacreon. However they were in fact an adaptation to the national lyric forms of 53 of the existing 60 Anacreontic poems. This study focuses on that edition and aims to detect the editions and translations that might have been the basis of his work. Moreover, by analyzing a few examples, it also tries to examine the thin boundaries between translation and poetic recreation.

Key-words: Castilho (António Feliciano de), Anacreon, *Anacreontea*, translation, poetic recreation.

A figura e a obra de António Feliciano Castilho (1800-1875) ficariam para sempre marcadas por uma série de episódios e polémicas artísticas e pessoais, sobretudo no contexto da afirmação do Realismo em Portugal, que tantas vezes ofusca, pelo menos para o público culto mas menos informado, a riqueza de uma obra poética e de tradução dos clássicos ímpar entre nós.

Cego aos seis anos de idade, em consequência de um surto de sarampo, desde a infância se dedicou ao estudo das línguas e culturas clássicas no Geral do Cunhal das Bolas, e consta que, com cinco anos, já versejava em latim e traduzia versos de Ovídio². Entre 1810 e 1815 frequenta, com os

² Ele mesmo confessa que “daqui se originou, em parte, o gosto e propensão com que ficou para a Musa clássica romana, e em particular para Ovídio e Virgílio” (in Castilho 1909, I: 12). Para uma visão de conjunto da formação de Castilho, vd. Ferreira 1971: 104.

Noutro passo, o próprio reflecte, em elegante prosa poética, sobre a importância matricial dos clássicos – da língua e cultura latinas sobretudo – na sua formação pessoal e artística: “Brincámos, crescemos com Rómulo e Remo, e ainda os vimos mamar na loba, que por sinal era ruiva, na margem do Tibre, ali onde estava uma fogueira. (...) E direi mais, porque é verdade: qual é de nós o que n’esses dias d’entre puerícia e juventude, cathequisado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seu Tibullo, Propércio e Ovídio, não contemplou com anciedade a luta do Christianismo, recém-nascido e coroado de espinhos, com o paganismo velho e coroado de flores? (...) Isto, que sucedeu a todos os que ainda estudámos Latim, também já havia passado pelos nossos poetas velhos, donde veio saírem todos eles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que há-de ser o que sempre em tudo se há-de citar: baptisado tinha ele sido, mas quem o procurasse achar havia de ser n’um banho de Castália ou de Aganippe.” (Castilho 1904: 87-91).

irmãos Adriano e Augusto, a Real Escola Literária do Bairro Alto, onde aprofunda os estudos de latim e retórica; e, a partir de 1816, o Mosteiro de Jesus, onde frequenta aulas de filosofia racional e moral. Forma-se em Direito, em Coimbra, em 1822, e só depois disto vai aprofundar os estudos de retórica com Maximiliano Pedro de Araújo. Em termos literários, cedo adopta os princípios do Arcadismo remanescente, aos quais permaneceria fiel até ao final da vida, pese embora as incursões que fez pelos trilhos do Romantismo, do Ultra-Romantismo e mesmo do Realismo. Das suas primeiras obras, *Cartas de Eco a Narciso* (1821), *A Primavera* (1822) e *Amor e Melancolia* (1828) são bons exemplos da profunda influência clássica e de um uso classicizante da linguagem, misturados por um ímpeto solitário de inspiração romântica. Os autores e temas clássicos, de resto, estariam bem presentes ao longo de toda a produção de Castilho, sendo inegável a sua influência mesmo em obras da maturidade, de que *A Felicidade pela Agricultura* (1849), embebida do espírito das *Geórgicas* virgilianas e da *aurea mediocritas* horaciana, é talvez o melhor exemplo³.

É após a formação em Coimbra que Castilho se recolhe à pacata vila de Castanheira do Vouga, onde era pároco o seu irmão Augusto, e inicia aquele que muitos consideraram o trabalho em que se revelaria mais eficiente: o de tradução dos clássicos. Começa por concluir a inacabada versão bocagiana das *Metamorfoses* de Ovídio (1841), para mais tarde traduzir Píndaro, Virgílio (*Geórgicas*, 1867), as odes anacreônicas (1866), Juvenal, Pérsio, Molière, Shakespeare, Goethe e Cervantes. No verbete que lhe dedica na enciclopédia Verbo, considera M. Leonor Carvalhão Buescu que “Castilho é exímio tradutor: a par da fidelidade, utiliza uma impecável linguagem, e iguala, se não ultrapassa, por vezes, a beleza e o fôlego do original”. A leitura das suas traduções, e sobretudo dos paratextos que as antecedem, parece no entanto demonstrar o contrário. A figura do poeta ficaria indelevelmente ligada à assim designada “Questão do Fausto”, uma polémica despoletada pela publicação da muito livre versão de Castilho do *Faust* de Goethe (Castilho 1872), à qual, num primeiro momento, reagiu muito negativamente o germanófilo Joaquim de Vasconcelos⁴, que a ela chegou a referir-se publicamente como “um aborto

³ A influência dos autores clássicos em Castilho, em especial no que aos temas campestres diz respeito, foi estudada por Toipa 2005: 149-167.

⁴ Sobre a problemática, que se arrastaria por vários anos e envolveria alguns dos mais importantes nomes da intelectualidade literária do tempo, vd. Ferreira de Brito 2000: 191-196.

nacional”. Independentemente do valor real da tradução, e da diversidade de opiniões que, no âmbito da referida polémica, esta colheu, mais nos importam as considerações sobre o trabalho de tradução proferidas pelo próprio Castilho, que preferia denominar o seu trabalho de “transubstanciação” e defendia a “nacionalização” do assunto, com isso justificando todas as transformações lexicais e semânticas que operou⁵. Já no prefácio à sua versão das *Metamorfoses* de Ovídio, afirma ter procurado traduzir “literalmente”, embora reconheça ter “ladeado” ou acrescentado “uma perna” sempre que o texto se tornasse dessa forma mais inteligível para o leitor médio, pois, acrescenta, “a maior e pior de todas as infidelidades” é “a fidelidade servil”, devendo estar a grande preocupação do “intérprete” não na versão das “palavras”, mas na dos “pensamentos, conceitos e afectos”⁶.

Quanto aos *Anacreontea*, não foi Castilho o único poeta português de renome a vertê-los para português. Garret⁷, ele próprio autor de 9 *Odes Anacreônticas* (1814-1815) e tradutor de 5 poemas do *corpus* (23, 32, 24, 44 e 15 West, incluídos em *Flores sem Fruto*, de 1845, com os números 6, 7, 8, 9 e 10, respectivamente), refere-se na “Notícia” à *Lírica de João Mínimo*, em tom um pouco irónico, ao hábito nacional de compor odes anacreônticas. Entre nós, imitaram o estilo de Anacreonte – via os textos dos *Anacreontea*, eles próprios já o resultado de uma imitação consciente –, nomes tão conhecidos como os de António Ferreira – o introdutor dessa verdadeira moda em Portugal –, Bocage (*Cançonetas Anacreônticas e Odes Anacreônticas*), Marquesa de Alorna, José Agostinho Macedo (*Lyra Anacreôntica*, 1819), Elpino Duriense ou Almeida Garrett, alguns dos quais procederam mesmo à versão para português, com diferentes graus de fidelidade, de alguns poemas.⁸ Quanto a traduções completas, tivemos

⁵ Na realidade, como refere Ferreira de Brito 2000: 192, Castilho “nada sabia de alemão e socorrera-se de uma tradução manuscrita esboçada pelo seu irmão José Feliciano de Castilho em colaboração com o alemão Eduardo Laemmert, ambos a residir no Rio de Janeiro, e de traduções francesas, elas próprias de valor duvidoso.”

⁶ Apud Ofélia Paiva Monteiro, “Castilho (António Feliciano de)”, *Biblos* 1, pp. 1048-1049.

⁷ A influência dos temas anacreônticos e o trabalho de versão poética de odes anacreônticas empreendido por Garrett foi assunto estudado por Ribeiro Ferreira 2003: 353-367.

⁸ Vd. Rocha Pereira 1972: 55-57, 79-82 (sobre António Ferreira), 151-152

notícia e conseguimos aceder a três obras que merecem destaque: (1) *Odes de Anacreonte de Teos* de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão (Lisboa, Impressão Regia, 1804) – em rigor uma paráfrase dos textos originais, assumida pelo autor –, (2) um volume igualmente intitulado *Odes de Anacreonte* de António Teixeira Magalhães (Impressão Regia, Lisboa: 1819)⁹ – edição a que adiante voltaremos – e, no dealbar do século XX, (3) a edição homónima da autoria de Luís Calado Nunes (ed. Alma Nova, Lisboa: 1917)¹⁰.

Os sessenta poemas actualmente contemplados na edição de West 1984 (²1993), cuja composição os estudiosos costumam datar entre os séculos II a.C. e VI d.C.¹¹, foram pela primeira vez coligidos e vertidos para latim por Henri Étienne em Paris, em 1554¹², que os terá copiado, segundo ele próprio informa, de um “antigo manuscrito” que teria visto três anos antes em Lovaina¹³. Sobre esta publicação, tem razão a Professora

(sobre Bocage) e 193-194 (sobre Elpino Duriense).

⁹ Conserva-se um exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (cota: 5-(4)-1-23-5), com a indicação manuscrita de ter pertencido a Guilherme Augusto de Souza, que assina a folha de rosto. Terá igualmente pertencido a António Gonçalves Rodrigues.

¹⁰ Deste volume se conserva um exemplar no Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (cota: 12-5-34), com a dedicatória manuscrita do autor para Carolina Michaëlis e Joaquim de Vasconcelos, seu marido e, como se viu acima, a figura que despoletou a “Questão do Fausto”.

¹¹ Trata-se de um lapso temporal vastíssimo que, inevitavelmente, se traduz em diferenças de estilo evidentes. À parte um ou outro texto que, referido por outros autores ou presente, com variações ligeiras, na *Antologia Palatina* ou na *Antologia de Planudes*, com isso consegue uma datação relativa (e.g. n. 4, que tem uma versão nas *Noites Áticas* de Aulo Gélio), poucas mais informações nos é possível colher. Na tentativa de resolver esta polémica, uma série de critérios foram tidos em conta, ao longo dos tempos, como sejam a prosódia ou a semântica. Na prosódia baseia a sua datação relativa dos poemas West 1984, ²1993, na sua edição crítica do texto. Vide ainda o estudo de Brioso Sanchez 1970 e, para uma visão de conjunto das diferentes propostas avançadas, Campbell 1988: 10-18.

¹² H. Stephanus, *Anacreontis Teii Odae ab Henr. Stephano luce et Latinitate nunc primum donatae*. Lutetiae, 1554.

¹³ Tudo indica que o editor se referia a um códice do século X que continha a *Antologia Palatina*, dividido já em duas partes, a primeira contendo os livros 1-13 da *Antologia* e a segunda os livros 14 e 15, além dos *Anacreontea* e outros poemas dispersos. É quase novelesca a história deste manuscrito. Salmásio informa tê-lo

M. H. Rocha Pereira (1972: 55-56) quando nota: “Era a primeira vez que se imprimia um lírico que não fosse Píndaro, e aqueles motivos rebuscados e graciosos fascinaram os poetas renascentistas, tal como o Apolo de Belvedere e o Laocoonte reencontrados deslumbraram os artistas plásticos, que supunham estar ali a máxima expressão do classicismo grego!”.

A edição de Étienne teve diversas reedições, sendo que logo na de 1560 foi introduzido o poema que actualmente ocupa o primeiro lugar, que assassinava todas as pretensões de autenticidade dos poemas, ao descrever o episódio onírico em que o sujeito poético recebe das mãos do próprio Anacreonte as insígnias da sua poesia, qual poeta grego que encontra as Musas e, desde então, se transforma em inspirado e quase divino cantor. Com efeito, foram diversos os autores, ao longo dos séculos, a adoptar uma posição que simplesmente punha de parte a discussão da autoria dos poemas – entendendo-os, de facto, como da lavra do poeta de Teos –, sendo tendência entre os tradutores e mesmo alguns editores dos *Anacreontea* a simples exclusão da primeira ode. Se é certo que as dúvidas quanto à autoria dos poemas surgiram logo nos primeiros anos após a sua publicação por Étienne, quando Fr. Robortellus afirmou que os textos mais não seriam do que “insulsos quosdam posterioris aevi lusus”¹⁴, é também verdade que a filologia de finais de Setecentos e de Oitocentos veio, de forma definitiva, negá-la, com isso fundamentando a opinião actualmente aceite pela generalidade dos especialistas¹⁵. E assim, enquanto alguns dos poetas mais conhecidos da Europa traduziam e imitavam ‘Anacreonte’ como tratando-se de facto de Anacreonte, os filólogos, que sabiam não estar diante de poemas do poeta arcaico, tendiam a proferir juízos menos elogiosos da colectânea, entre os quais seria determinante para a apreciação desses textos a irónica formulação de Willamowitz-Moellendorf, no dealbar do século XX: “... wem diese matte Limonade nicht unausstehlich ist, der sol nicht nach

visto na Biblioteca de Heidelberg em 1607 e, em 1623, quando essa cidade foi saqueada, foi oferecido ao Papa Gregório XV. Finalmente, em 1797, Napoleão tê-lo-á levado para Paris, cidade de onde nunca mais saiu o segundo volume, actualmente na Biblioteca Nacional (Cod. Gr. Suppl. 384), sendo que o primeiro volume regressou a Heidelberg em 1815 (Cod. Gr. 23).

¹⁴ Robortellus 1557: 26, cit. Holly 1855: 8.

¹⁵ O juízo mais fundamentado foi o impresso na edição teubneriana de Bergk 1834. Sobre esta questão, para uma síntese dos principais autores e suas opiniões, vd. Rocha Pereira 1961: 18-19 e Rosenmeyer 1992: 6-8.

dem hellenischen Weine greifen.”¹⁶ Quanto a Castilho, além de não incluir a primeira ode, não hesita em afirmar repetidamente, no prefácio à sua tradução (*Ácêrca de Anacreonte*, pp. 7-23), a autoria dos poemas que traduz. Por estes tempos, afinal, tradução ou recriação poética são ainda realidades bem distintas da investigação e crítica filológica mais erudita.

Antes de nos debruçarmos sobre o trabalho de tradução propriamente dito, e nele buscarmos as fronteiras entre versão e reescrita, impõe-se uma palavra sobre as edições disponíveis e que o autor possa ter manuseado. J. Ribeiro Ferreira 2003: 360-367 demonstrou com forte grau de probabilidade como Garrett, que confessa em determinado momento da sua obra não dominar o grego, se terá baseado, para as suas versões dos *Anacreontea*, essencialmente na versão latina de Étienne, que costumava acompanhar as diversas reedições da *editio princeps* de 1554, que se multiplicaram até ao século XIX. Não excluía, no entanto, que tivesse lançado mão de outras versões em vernáculo, igualmente frequentes ao tempo. Com efeito, haviam traduzido o *corpus* anacreôntico que nos ocupa nomes tão importantes e influentes como Ronsard, Goethe ou Leopardi. Precisamente em 1800, Thomas Moore publica, em Londres, as suas *Odes of Anacreon*, volume que merece ser referido desde logo por ser dos poucos que abre com a primeira ode, mas que a entende, em nota, precisamente como prova da autoria de Anacreonte, e não do seu contrário¹⁷. Referimos ainda, das inúmeras que podiam ser aqui mencionadas, a edição em grego-francês muito comentada e amplamente prefaciada de J. B. de Saint-Victor (*Odes d'Anacreon, traduites en vers sur le texte de Brunck*. Paris, H. Nicolle Libraire, 1818).

No que a Castilho diz respeito, embora o texto introdutório não faça qualquer alusão às edições seguidas – prática corrente deste tipo de volumes da autoria de poetas –, dispomos de um dado seguro que pode no mínimo iluminar esta questão. Referimo-nos a uma versão bilingue grego-francês, de finais do século XVII, dos supostos fragmentos de Anacreonte e Safo,

¹⁶ “... aquele que se depare com semelhante limonada salobra não deve tentar beber o puro vinho helénico” (Willamowitz-Moellendorf ²1907: 27).

¹⁷ “This ode is the first of the series in the Vatican manuscript, which attributes it to no other poet than Anacreon. They who assert that the manuscript imputes it to Basilius, have been mislead. Whether it be the production of Anacreon or not, it has all the features of ancient simplicity, and is a beautiful imitation of the poet’s happiest manner.”

actualmente conservada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra¹⁸, cujas assinaturas manuscritas denunciam ter pertencido ao Visconde da Trindade, a Manuel Bernardes Branco e ao próprio Castilho. Assim, pareceria natural que se tivesse servido desse volume, de forma prioritária, para o seu trabalho de tradução. Ainda que a numeração das odes siga de perto essa edição, com ligeiras variações que poderiam muito bem ter sido da intenção de Castilho, amiúde se detectam divergências na versão grega impressa no volume do último, o que prova, só por si, que teve ao seu dispor uma outra edição crítica, das várias que, desde a *editio princeps* de Étienne, proliferavam pela Europa, ou que, simplesmente, essa alteração da ordem dos poemas foi intenção sua ou do seu editor¹⁹. No caso concreto, são boas candidatas três edições do século XVIII, das quais se conservam exemplares em Portugal²⁰. Destas, desde logo pela sua natureza material de livro de bolso de pequenas dimensões, acreditamos que a mais divulgada seria a reedição de 1742, que no final reproduzia a versão latina de Étienne, preciosa para leitores e potenciais tradutores destes textos. Do século XIX poderíamos igualmente referir diversas edições, das quais mais do que uma reproduz também a versão latina de Étienne, além de uma série de edições

¹⁸ *Les oeuvres d'Anacreon et de Sapho: contenant leurs poesies, & les galenteries de l'ancienne Grece. trad. par Mr. de Longepierre, avec des notes curieuses...* (Paris, Charles Clouzier, 1692). Cota: V.T.-17-6-16.

¹⁹ Na realidade, a numeração de Castilho não corresponde em pleno à de qualquer outra edição que seria provável que conhecesse. Ao invés, a correspondência praticamente total entre a reimpressão da edição de Étienne de 1842, a edição francesa que lhe pertenceu e outras parece denunciar que seria ainda a primeira a edição de referência ao tempo.

²⁰ *Anacreontis Teii odae et fragmenta, graece et latine cum notis Joannis Cornelii de Pauw*, [typis Petri Muntendam], 1732. Cotas: UC Bib Geral (B. Joanina) 1-4-3-196; UC Biblioteca Geral J.F.-71-5-21 (este exemplar pertenceu ao Liceu Nacional Dom João III e ao Real Colégio de São Pedro de Coimbra; *Anakreontos Teiou Mele = Anacreontis Teii carmina addita in fine, partim Henr. Stephani, partiam Eliae Andreae, Latina, eodem versuum genere, interpretatione. Io. Lamius recensuit. Ad usum seminarii* (Florentiae, ex typographio Io. Baptistae Bruscaqli, & Sociorum, 1742). Cota: UC Bib Geral (B. Joanina) 1-2-1-11; *Anacreontis Teii Carmina graece e recensione Gulielmi Baxteri cum eiusdem Henr. Stephani et Taneguidi Fabri notis. Accedunt Duo Sapphus Odaria atque Theocriti Anacreonticum in mortuum adonin; curavit Ioh. Frid. Fischerus* (Lipsiae, in Libraria Crullia [ex officina Breitkopf], 1754. Cota: UC Bib Geral (B. Joanina) 1-2-1-61.

bilingues e traduções, em número demasiado grande para aqui serem identificadas. Deve no entanto ser dito que todas elas, regra geral, excluem o poema que actualmente encabeça as edições dos *Anacreontea*, prática corrente que denuncia não estarmos diante de edições que incorporam as aportações da crítica filológica.

Finalmente, é possível que Castilho conhecesse e tivesse trabalhado de perto com outra edição bilingue, a primeira tradução completa de ‘Anacreonte’ em língua portuguesa de que temos notícia, datada de 1819²¹. Trata-se de uma tradução inteiramente em redondilha maior, apresentando uma invulgar conciliação de expressão poética e fidelidade ao original, prejudicada apenas ao nível da rima, um aspecto descuido pelo seu autor. Mais, o aparato de notas que se segue ao texto grego e à tradução mostra o rigor filológico do trabalho empreendido, pela qualidade documentada das explicações²², pela convocação de anteriores versões de determinado poema²³ e, inclusivamente, pela discussão de passos em grego²⁴. Contudo, tampouco com esta a coincidência de numeração ou do grego transcrito é total.

Para concluir esta questão, consideramos que, na medida em que as traduções de Castilho sabem sobretudo a recriações poéticas dos textos originais – nas quais o tradutor-poeta se permite alterar o número de versos e mesmo o sentido do original, com vista à elaboração de um texto poético funcional e belo na língua de chegada, adaptado às formas fixas da versificação portuguesa –, é praticamente impossível detectar em que

²¹ *Odes de Anacreonte, trad. em portuguez por A. T. M.* (António Teixeira de Magalhães). Lisboa, Na Impressão Regia, 1819. O volume pertenceu a Augusto Guilherme Sousa e António Gonçalves Rodrigues (1906-1999). Cota: UC Biblioteca Geral 5-(4)-1-23-5. O tradutor afirma, orgulhosamente (p. 7): “He por isso que ellas tem sido traduzidas em diversas linguas, menos na Portugueza na qual aparece agora a presente Traducção quasi literalmente do Original como se póde confrontar, e vêr os que entendem a lingua Grega...”

²² Por exemplo, quando se trata de explicar as libações devidas aos mortos, referidas na ode 4, v. 12 (= 32 West), o autor alude a um passo da *Ilíada* (18.350), onde se “diz que os Myrmidonos depois de lavarem o corpo de Patroclo, o ungrirão com óleo” (p. 101), e transcreve o verso grego respectivo.

²³ A propósito da ode 3 (= 33 West), menciona e transcreve o que considera ser a imitação de António Ferreira, na sua Elegia VIII (pp. 99-100).

²⁴ Sucede isto em vários momentos. Trazemos aqui o exemplo do comentário à ode 7 (= 31 West), a propósito da qual comenta: “Eu segui a Edição Grega de Henrique Estevão [Étienne] βαδίζων, e não a de Daniel Hensius que á margem tem βαδίζοντ’ concordando com με.” (p. 103).

traduções se terá inspirado, pelo que, apenas por questões de comodidade, aceitamos como muito influente a versão francesa que sabemos lhe ter pertencido, a primeira tradução portuguesa de 1819 e, no limite, a tantas vezes reimpressa versão latina de Étienne. No entanto, com nenhuma destas, de acordo com o que conseguimos apurar, o texto grego é completamente coincidente. Não sendo este o local para proceder a esse confronto ponto a ponto, dizemos apenas que, perante esse facto, duas hipóteses são possíveis: ou Castilho procedeu a alguma espécie de crítica textual – confrontando lições para os versos menos estabelecidos e escolhendo a sua –, ou teve acesso e seguiu de perto uma única fixação textual, que não conseguimos identificar, colhida algures entre o grande número de edições bilingues e traduções europeias que desde a edição de Étienne vieram a público, em número assinalável, sobretudo durante os séculos XVIII e XIX.

O trabalho empreendido por Castilho, dedicado ao poeta, político e pedagogo Raimundo António de Bulhão Pato (1828-1912)²⁵, compreendendo um total de 53 dos 60 poemas actualmente considerados no *corpus* anacreôntico, vem antecedido de um texto em prosa poética intitulado “Ácerca de Anacreonte” (pp. 7-23), uma apresentação romantizada do lírico de Teos que confunde a cada passo, com uma intencionalidade só perdoada a um poeta e nunca a um filólogo, poeta e poesia. São disso exemplo as considerações que tece acerca da famosa ode à cigarra (34 West = 43 Castilho), curiosamente uma das suas versões que nos parece menos bem conseguidas:

O seu hymno à cigarra, tão candidamente invejoso, ninguém que tenha alma o lerá sem logo ver por dentro todos os amenos recantos do espirituoso coração de Anacreonte: o viver do insectozinho músico, solitario, descuidoso, liberrimo, era para elle ideal de felicidade. (p. 19)

Não obstante, quando adiante se trata de tecer considerações morais a partir da poesia tida como da lavra de Anacreonte, que, segundo se diz, “moralistas inexoraveis, comquanto lhe confessem o talento, dão-no por um vicioso miseravel, encharcado nas sensualidades” (p. 20), afirma-se já

²⁵ A dedicatória do volume apenas diz: “Ao/ auctor da Paqueta/ sauda/ o traductor de Anacreonte.” Bulhão Pato, inicialmente um poeta ultra-romântico, evoluiu gradualmente para a escola naturalista e parnasiana. A sua obra mais conhecida, *A Paqueta*, foi editada precisamente no mesmo ano da tradução de Castilho que estamos a estudar (1866).

que “mal iria a quem trova, se lhe tomassem todos os versos por historia” (p. 21)²⁶. Ainda assim, merece as vergastadas do Amor, o mesmo que como ninguém cultivou:

Uma só coisa ha em que o velho nos destôa de veras, peccadoração contra as leis do gosto e as da natureza, posto que tambem para ahi lhe attenuem imputações os costumes do tempo e o exemplo dos immortaes. Merecia que o amor o tornasse a fustigar, e mais rijo, com a hâstea de jacintho; mas se o deixassemos açoutar a elle, como acudiriamos a Sapho? Recubramos os mortos celebres, com a lousa que se tornou ara. Os seculos devem ser indulgentes.

As demais considerações deste texto introdutório, onde as informações das fontes antigas, não mencionadas, são temperadas de romantismo e moralismo, tê-las-á Castilho colhido, estamos em crer, da bastante completa edição francesa que acima identificámos e que constaria da sua biblioteca pessoal.

Centremo-nos, por fim, nas versões de Castilho para os *Anacreontea*. Os claramente maioritários hemiambos (X – U – U – X ||) ou anacreônticos (U U – U – U – – ||) do original vão ser vertidos em distintas formas métricas com uma forte tradição na lírica nacional²⁷, entre as quais predominam a redondilha maior e menor, decassílabos, hendecassílabos, alexandrinos e estrofes compostas. Não poucas vezes, o número de versos da tradução não corresponde com o do poema original, e vários elementos sintácticos e de

²⁶ Sem querer estabelecer qualquer relação de dependência directa, é curioso notar como, a cada passo, o sabor das palavras do poeta português recorda essas outras do prefácio da já referida versão de Thomas Moore (Londres, 1800), como nesta questão da apreciação moral: “To infer the moral dispositions of a poet from the tone of sentiment which pervades his works, is sometimes a very fallacious analogy; but the soul of Anacreon speaks so unequivocally through his odes, that we may safely consult them as the faithful mirrors of his heart. (...) In truth, if we omit those few vices in our estimate which religion, at that time, not only connived at, but consecrated, we shall be inclined to say that the disposition of our poet was amiable; that his morality was relaxed, but not abandoned; and that Virtue, with her zone loosened, may be an apt emblem of the character of Anacreon.”

²⁷ Ou não fosse Castilho, nas palavras de Ferreira de Brito 2000: 192, “o metrificador-mor português”, ele mesmo o autor de um *Tratado de Versificação Portuguesa* (Lisboa, 1851).

Adeos, grandes homens! Buscai n'outra lyra
o vosso louvor! 10
A minha não sabe; não póde; suspira
só cantos de amor.

Castilho mantém, no caso, o número de versos, oscilando entre o hendecassílabo e a redondilha menor, conseguindo, também pela rima cruzada, um tom rápido e ligeiro. Para esse desafio métrico contribui em grande medida a alternância entre um verso longo e um curto, no caso do último o menor da versificação portuguesa. O filho de Zeus e Alcmena vê o seu nome, Ἡρακλέους no original (v. 8), volvido em Alcides, que a tradição antiga considera ter sido, de facto, o primeiro nome desse herói³⁰, aspecto que, inocente à partida, pode denunciar uma influência directa da versão da mesma ode que, em 1845, Garrett publicara em *Flores sem Fruto* (n.º 6 dessa colectânea), na medida em que a mesma alteração aí ocorre:

De gosto cantara Atridas,
E a Cadmo erguera louvor;
Porém as cordas da lyra
Só sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda, 5
Novas cordas lhe assentava,
E de **Alcides** os trabalhos
A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,
Em vez de mareiaes furores, 10
De teimosa e como a acinte,
Sempre vai soando amores.

Adeus, heróis! adeus, glória!
Adeus guerreiro furor!
As cordas da minha lyra 15
Só sabem dizer amor.

³⁰ Apolodoro (2.4.12) explica esta mudança de nome do herói.

Esta coincidência de nomenclatura mais não autoriza, no entanto, do que a conclusão de que Castilho conheceria a versão de Garrett, ainda que a ela tivesse recorrido de memória, o que, de facto, seria bastante normal. Não obstante, o seu trabalho de versão, que neste como noutros casos resulta numa composição estrófica e numa selecção métrica distintas, não pode considerar-se inspirado no de Garrett.

Igualmente notável é o resultado conseguido na versão da ode 12 (= 10 West), a conhecida canção à andorinha chilreante, a começar pela versão do título impresso nas diversas edições desde a de Étienne (ΕΙΣ ΧΕΛΙΔΟ-ΝΑ) pelo meramente impressivo e poético “MÁ VIZINHA” (p. 51):

Τί σοι θέλεις ποιήσω,
 τί σοι, †λάλευ† χελιδόν;
 τὰ ταρσά σευ τὰ κοῦφα
 θέλεις λαβὼν ψαλίξω,
 ἢ μάλλον ἔνδοθέν σευ 5
 τὴν γλώσσαν, ὡς ὁ Τηρεὺς
 ἐκείνος, ἐκθερίξω;
 τί μευ καλῶν ὄνειρων
 ὑπορθρίασι φωναίς
 ἀφήρπασας Βάθυλλον³¹; 10

Tu andas, certo, a tentar-me
 co' o teu palrar, andorinha!
 Se te apanho, inda não sei,
 por seres tão má vizinha,
 a pena que te darei! 5

Queres que te corte as guias?
 ou faça o que fez Thereo,
 que, segundo a historia diz,
 te arrancou pela raiz
 a língua, flagelo seu? 10

³¹ A ti, que queres que te faça,/ a ti, andorinha chilreante?/ As tuas débeis asas,/ queres que as tome e arranque?/ Ou preferes que na boca/ a língua, como fez Tereu/ esse malvado, eu te corte?/ Porquê, chamando-o dos meus sonhos/ com teus cantos matinais,/ me foste tu roubar Batilo?

Inda bem não rompe o dia,
 já na beira do telhado
 começa a papear!
 Lá sei vai Bathyllo amado!
 Lá se estraga o meu sonhar!

15

Os dez versos originais são vertidos em três quintetos em redondilha maior, com recurso à rima cruzada, com um verso branco a início (ABCBC). Não há, no original, qualquer referência ao tópico da vizinhança, sendo que essa liberdade poética permite amplificar em termos de visualismo o quadro bucólico implícito no poema, além de funcionar muito bem em termos rimáticos (andorinha/ vizinha). Sobretudo os últimos três versos da ode grega, vertidos na terceira estrofe de Castilho, sofrem profundas alterações sintáticas e de ritmo, embora o sentido, no global, se mantenha – o incómodo que constituiu o canto do animal, por determinar o despertar do sujeito e o *terminus* dos seus sonhos.

Porque espaço não há para nos demorarmos com exemplos, terminamos com a apreciação da ode 30 (= 19 West)³², toda ela vertida para uma expressiva composição de 16 versos em redondilha menor, de ritmo rápido, adequado ao episódio descrito:

Αἱ Μοῦσαι τὸν Ἔρωτα
 δῆσασαι στεφάνοισι
 τῶι Κάλλει παρέδωκαν·
 καὶ νῦν ἡ Κυθέρεια
 ζητεῖ λύτρα φέρουσα
 λύσασθαι τὸν Ἔρωτα.
 κἂν λύσει δέ τις αὐτόν,
 οὐκ ἔξεισι, μενεῖ δέ·
 δουλεύειν δεδίδακται.

5

³² “As Musas Eros/ cingiram de grinaldas/ e à Beleza o entregaram./ E agora Citereia./ de posse do resgate, busca/ dar liberdade a Eros./ Mas ainda que se liberte./ não partirá, antes vai ficar:/ é que aprendeu a ser escravo.”

Ao Deos dos amores
as musas um dia
com **laços de flores**
lograrão prender.

Soberba era a prêsa,
velál-a cumpria.
Por guarda a beleza
lhe forão trazer.

5

Entre ancias immensas
procura-o Cyprina;
dá mil recompensas
a quem lh’o trazer.

10

A Amor dá regalo
prisão tão divina;
escusão soltál-o;
ser livre não quer.

15

A ode havia já sido traduzida por António Ferreira, constituindo o n.º 3 do seu livro de Epigramas, num poema em oito decassílabos que importa transcrever:

Prenderam as Musas, por nova aventura,
o Amor em **laços**, e prisões de **flores**.
Entregaram-no em guarda à fermosura,
que atado o tenha bem, porém, sem dores.
Ajunta Vénus dões, e com brandura
que soltem, roga, o filho seus Amores.
Mas inda que já seja resgatado,
dali fica a servir acostumado³³.

5

É possível que, ainda que indirectamente, Castilho tenha recorrido ao verso 2 do epigrama de Ferreira para o seu sintagma “laços de flores”, pese embora o resultado global da versão seja, como se percebe, essencialmente

³³ Citamos a edição crítica de Earle 2000.

distinto: no ritmo e, conseqüentemente, no tom. Dos exemplos que apresentamos é talvez este aquele ao qual assentaria melhor o qualificativo de ode anacreôntica, ou seja, de imitação do estilo dos *Anacreontea* para a composição de um poema, mais do que de tradução. E é esse, com efeito, o sabor que fica de uma leitura completa do volume organizado por Castilho, a de que o poeta investiu mais em recriar os poemas originais do que em vertê-los para a sua língua. Na realidade, que a tarefa de versão directa era compatível com a adaptação a uma forma métrica nacional, mantendo grande parte do rigor filológico, provara-o a já referida versão de António Teixeira Magalhães, de 1819, da qual transcrevemos a versão da mesma ode:

Tendo as Muzas a Cupido
 Prezo hum dia com grinaldas,
 Entregárão-no á Belleza
 Para o guardar; porém Venus
 Libertalo então procura 5
 Dando preços de resgate.
 Mas inda que em liberdade
 Pôlo queira alguém, não quer
 Da prisão sahir, quer antes
 Nella ficar: pois tem sempre 10
 Aprendido a ser escravo.

Prejudicada, neste caso, fica apenas a rima, da qual não abre mão Castilho, na sua busca por uma versão que transpire de poética nacionalista e, na maior parte dos casos, popular mesmo – um estilo que, diga-se em abono da verdade, cai bem ao espírito original da antologia anacreôntica.

Em suma, embora não seja impossível que Castilho dominasse ou pelo menos conhecesse os rudimentos da língua grega – que teria aprendido durante o curso em Coimbra ou mesmo nas aulas de retórica que em jovem frequentara –, a insistência com que ele próprio fala da sua aprendizagem e paixão pela língua e literatura latinas leva-nos a considerar mais natural que tenha sido a versão latina de Étienne para os *Anacreontea*, que sempre acompanhava a reedição dessa obra, aquela sobre a qual trabalhou mais directamente. A essa edição, qualquer que ela tenha sido, há que acrescentar o manuseio e trabalho com a edição francesa que lhe pertenceu, bastante

rica em termos de estudo e aparato de notas. Finalmente, ter-lhe-ão sido igualmente úteis as anteriores versões poéticas em português de textos dos *Anacreontea* – como vimos, uma possibilidade forte, sobretudo no que a Almeida Garrett e António Ferreira diz respeito –, além de não ser de excluir que se tenha servido, de forma propositada ou implícita, do rico espólio de versões e adaptações poéticas de alguns dos mais importantes poetas europeus que, desde o Renascimento, haviam conhecido o prelo, as quais conheceria com forte grau de probabilidade. O cotejo destas com a edição de Castilho é, pois, tarefa que se impõe a quantos busquem a detecção detalhada das suas fontes poéticas directas, mas é trabalho que esteve ausente dos propósitos deste estudo.

Referências bibliográficas

Edições

- BERGK, Th. (1834), *Anacreontis carminum reliquiae*. Leipzig.
- CASTILHO, A. F. (1866), *A Lyrica de Anacreonte*. Paris.
- CASTILHO, A. F. (1872), *Fausto: poema dramático/ teatro de Goethe. Tradadado a portuguez [por] Visconde de Castilho*. Porto, Viuva Moré.
- CASTILHO, A. F. (1904), “Excavações poéticas I”, in *Obras completas de A. F. Castilho. Revistas, anotadas, e prefaciadas por um de seus filhos*. Lisboa.
- CASTILHO, A. F. (1909), *Castilho pintado por elle proprio*. 2 vols. Lisboa, Empreza da História de Portugal.
- CAMPBELL, D. A. (1988), *Greek Lyric II*. Cambridge, Massachusetts.
- EARLE, T. F. (2000), *António Ferreira. Poemas Lusitanos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- JESUS, C. A. M. (2009), *Anacreontea. Poemas à maneira de Anacreonte*. Coimbra, Fluir Perene.
- WEST, M. L. (1984, ²1993), *Carmina Anacreontea*. Leipzig.

Estudos

- BRIOSO SÁNCHEZ, M. (1970), *Anacreontea. Un ensayo para su datacion*. Salamanca.
- FERREIRA, A. (1971), *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa.

- FERREIRA DE BRITO, A. (2000), “Carolina Michaëlis, paradigma da lusofilia do seu tempo”, *Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”* 18: 191-198.
- HOLLY, J. (1855), *Quaestiones Anacreontea*. Marburg.
- RIBEIRO FERREIRA, J. (2003), “As imitações e versões garrettianas de *Anacreontea*”, *Almeida Garrett, um romântico, um moderno I*. Lisboa, 353-367.
- ROBORTELLUS, F. (1557), *Liber de arte s. ratione corrigendi antiquos libros*. Pataviae.
- ROCHA PEREIRA M. H. (1951), *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*. Coimbra.
- ROCHA PEREIRA M. H. (1959-1960), “Alguns aspectos do classicismo de António Ferreira”, *Humanitas* 11-12: 80-111.
- ROCHA PEREIRA M. H. (1972), *Temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa.
- ROCHA PEREIRA M. H. (1906), *Estudos de História da Cultura Clássica*. I – *Cultura Grega*. Lisboa.
- ROSENMEYER, P. A. (1992), *The Poetics of Imitation. Anacreon and the anacreontic tradition*. Cambridge.
- TOIPA, H. C. (2005), “Castilho, o campo e os clássicos”, *Máthesis* 14: 149-167.
- WILLAMOWITZ-MOELLENDORF, U. (1907), “Die griechische Literatur des Altertums”, in *Die Griechische und Lateinische Literatur und Sprache: Die Kultur der gegenwart* I.8. Leipzig, Berlin.